

**E LÁ NO
FUNDO,
O QUE É
QUE TEM?**

**Gabriela
do Amaral**

Ecologias Imaginadas – parte 1: como se as cracas pudessem sonhar

por **Gabriela do Amaral**

Texto narração do vídeo

Eles subiam em cima da gente pra contar histórias, colocavam os dois pés firmes na rocha e gritavam "Onde tem craca a gente não cai".

Diziam que existia algo que era importante ali em cima do calcário que levava à história ser contada de uma maneira mais sensível. Eles estavam tendo problemas com o sentir. Então começaram a subir em cima das pedras que a gente tinha colonizado. Gostavam do frio na barriga, da iminência de cair que estar perto da natureza pulando de uma pedra para a outra causava. O discurso saía trôpego, pausado, suspenso, vacilante, eles balbuciavam muitas vezes quando começavam a contar as histórias. Mas era isso que eles queriam.

E diziam estar com a gente para aprender além de outras coisas a arte do cuidado: "Queremos cultivar a arte do cuidado com as cracas". Eu estava achando aquilo tudo estranho, afinal cuidar não era tarefa básica de qualquer comunidade? O que será que a gente, um monte de cracas velhas que quase não consegue se mexer, poderia ensinar? "Vocês são tão unidas!" Eu ouvi uma vez ao fundo e depois alguém chorando e dizendo "Viu o que elas fizeram, que lindo? Elas se uniram! E juntas estão ajudando na manutenção desse ambiente, elas filtram, canalizam, protegem, cuidam. Compõem um novo cenário de restauração e reparação!!!".

Mas tinha um outro pessoal também que passava ali e chamava a gente de craquentas, suas craquentas!! — depois a gente foi entender que aquilo significava uma coisa ruim, como se fôssemos sujas — eles só queriam arrancar-nos dali e colocar numas sacolas plásticas pra fazer experiências, e aí às vezes esque-

ciam o saco e aquilo ia se juntando à outras porcarias que eles levavam pra nossa paisagem, ia misturando tudo, e começava a cheirar mal, apodrecia, era o total abandono. Nós de um lado cuidávamos e eles abandonavam. Pior do que esses que abandonavam eram aqueles que não conseguiam nem ver. Parecíamos seres invisíveis, sem vida, imóveis diante de um mundo roto. E aí alguém perguntava "Concentrem-se nesta paisagem — o que vocês veem?" Muitos respondiam "nada". E não viam mesmo. Eles estavam anestesiados.

Uma vez uma gaivota disse que a gente ensinava também sobre concentração e reparo. Botar reparo mesmo. Olhar devagar. Sabia que muita gente acha que estamos mortas? Sim! Nós com essas boquinhas abertas recebendo e devolvendo água o dia inteiro para devolver ela mais limpa. Mas, é isso: muita gente acredita que o que parece imóvel está morto. E tudo isso porque eles não conseguem ver. Porque o nosso movimento é tão lento que os olhos deles não captam. Aí eles matam tudo que se move num outro ritmo que não o deles. Quando olham rápido não veem a vida. Fico lembrando do meu avô, o seu Cracósio — da linhagem das Thoracicas do Sul da Javé — que veio lá do outro lado do oceano no cimo de uma tartaruga. O trabalho de uma geração às vezes pode se perder pela falta de atenção.

Mas afinal o que será que determina uma vida? A sua mobilidade ou o cenário ao seu redor? E afinal, quem será que ouviu o chamado das Cracas? Foi o fundo? Não dá pra arrancar a craca da pedra. As cracas nas pedras pretas também parecem como estrelas numa noite de lua nova, alguém diz, não sei, eu durmo, acordo, tem esse pano de fundo, o cenário muda, ela me puxa, então o meu corpo era puro calcário.